



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho



revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 7, art. 15, p. 295-307, jul. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.7.15>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

A Ressignificação da Figura do Brechó como Lugar de Memórias

The Resignification of the Thrift Store as a Place of Memories

Maria Julia Muniz Lourenço

Mestrado em Ciências da Linguagem para Universidade do Sul de Santa Catarina
Graduação em Tecnologia em Design de Moda pelo Instituto Federal de Santa Catarina
E-mail: mariamunizjulia@gmail.com

Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Doutora em Comunicação Social pela PUC do Rio Grande do Sul
Docente do Programa de Pós Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina
E-mail: heloisapreis@hotmail.com

Endereço: Maria Julia Muniz Lourenço

Universidade do Sul de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon, 88704900 - Tubarão, SC – Brasil.

Endereço: Heloisa Juncklaus Preis Moraes

Universidade do Sul de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. , Av. José Acácio Moreira, 787, Dehon, 88704900 - Tubarão, SC – Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 28/03/2022. Última versão recebida em 18/04/2022. Aprovado em 19/04/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Popularmente conhecido como um local que vende roupas usadas, o brechó, na pós-modernidade, passou por ressignificações. Com isto, a partir dos conceitos de Nora (1993) de “lugar de memória”, este artigo objetiva discutir se o brechó poderia ser tomado como além deste: um lugar de memórias, no plural. Assim, visualizado não apenas como um local de comércio, mas também como local de imagens e de memórias mobilizadas pelo imaginário. Para isso, analisaram-se os aspectos definidos por Nora (1993), associando com as características presentes na figura do brechó, a conceitos do imaginário explorados principalmente por Durand (2019), Maffesoli (2001) e Silva (2020). A pesquisa possui caráter bibliográfico e sua importância efetua-se ao explorar um fenômeno que vem se ressignificando na pós-modernidade.

Palavras-chave: Brechó. Memória. Imaginário. Lugar de Memórias.

ABSTRACT

Popularly known as a place that sells used clothes, the thrift store, in post-modernity, underwent resignifications. With this, based on Nora's (1993) concepts of “place of memory”, this article aims to discuss whether the thrift store could be taken as beyond this: a place of memories, in the plural. Thus, viewed not only as a place of commerce, but also as a place of images and memories mobilized by the imaginary. For this, the aspects defined by Nora (1993) were analyzed, associating them with the characteristics present in the thrift store, and associated it with imaginary concepts explored mainly by Durand (2019), Maffesoli (2001) and Silva (2020). The research has a bibliographic character, and its importance is carried out by exploring a phenomenon that has been changing in post-modernity.

Keywords: Thrift Store. Memory. Imagery. Place of Memories.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre brechós é me permitir acessar minhas próprias memórias individuais. Encontro singulares lembranças, quando eu, frequentemente, ia à busca de peças excêntricas e singulares em brechós no início da minha adolescência. Se realmente somos uma sociedade do consumo, opto por, muitas vezes, usufruir do consumo de memórias. Apesar de, antes dos estudos dos conceitos de Nora (1993), Mafesoli (2001), Durand (2019), Silva (2020) e outros, não saber da relação tão grande existente entre brechó, memória e imaginário.

Um local com a presença de diferentes décadas, assim se caracteriza o brechó. Nele, encontramos peças de roupa que foram criadas em momentos históricos que não irão mais acontecer. Cada peça de roupa carrega memórias de um passado, momentos que não existem mais e imagens de determinada época vivida, ou melhor, uma multiplicidade dessas imagens.

Associando um local a memórias, Nora (1993, p. 22) apresenta como lugar de memória: “Lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual; do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel”. Assim, partindo deste conceito do autor, questiono-me se o brechó não seria além um lugar de memória, mas sim, um lugar de memórias, no plural. Ora, se o conceito de Nora (1993) é designado a lugares com uma memória singular, o objeto aqui estudado, o brechó, é um movimento ampliado desse conceito. Para tal fim, busquei suas relações com o imaginário, pois é o imaginário quem vai mobilizar essas memórias; a memória é um dispositivo do imaginário. “O papel do imaginário na vida cotidiana sublima como experiência vivida, o labirinto das relações afetivas e o movimento tumultuoso das paixões se concretizam em um cenário coletivo, simultaneamente banal e trágico [...]”. (LEGROS *et al.* (2014, p.100).

Diante do exposto, a metodologia escolhida para esta pesquisa foi de cunho bibliográfico, desenvolvida a partir de leituras e teóricos a respeito dos temas centrais. Inicialmente, desdobra-se na contextualização a respeito da figura do brechó, apoiado nisso, em sequência, propõe-se uma reflexão do brechó como um lugar de memória. Por fim, buscou-se visualizar o imaginário como dispositivo de memórias, no plural, tornando o brechó um lugar de memórias. Este trabalho se torna relevante pela figura de o brechó vir se ressignificando na pós-modernidade, entretanto, é ainda pouco explorado na academia quando relacionado a imagens e ao imaginário social.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Brechó: breve contextualização

Para melhor compreensão do brechó, faz-se necessário um breve contexto histórico. Apesar de não se saber data específica, Dutra e Miranda (2013) consideram que o brechó se originou em Londres, como espécie de feiras de antiguidades que vendiam produtos diferenciados em relação aos demais comércios. Entre esses produtos, roupas. Já no Brasil, apesar de a data também ser incerta, é pressuposto que teve início no século XIX, e o seu nome, “brechó”, deriva do nome do primeiro comerciante a vender roupas e objetos usados por aqui. Seu nome era Belchior (DUTRA; MIRANDA, 2013).

Desde então, a atmosfera presente nos brechós, ou ainda, a sua aura, como descrevem Mafesoli (2001) e Benjamim (1994), era de um local de entulharia e roupas sem aproveitamento. Entretanto, para ser aceito na pós-modernidade, ele precisou ressignificar-se e, em seu trajeto, o brechó veio ganhando notoriedade.

As estruturas antigas, estacionadas e que até parecem inabaláveis solicita-nos mover o universo da moda em diferentes perspectivas (COLERATO, 2019, *apud* ANJOS, 2020). Dessa maneira, esse fato vem acontecendo com o objeto do brechó. Na pós-modernidade, de acordo com Maffesoli (1996) é a mistura de elementos antigos com contemporâneos, as grandes certezas, ainda segundo o autor, são destruídas com frequência, e os acontecimentos pedem para a sociedade pensar de outras maneiras.

Sendo assim, nos dias atuais, o brechó vinculou-se a outros pensamentos, ganhou novos significados. Entre eles, uma alternativa ao consumo consciente e toda a abordagem em ligação com a moda *slow*, como a sustentabilidade, o menor desperdício e a economia de recursos naturais, ou até mesmo uma forma de resistência ao consumismo. A moda, certamente, é muito mais do que aparenta, visto que “quando discutimos os comportamentos na moda, estamos falando de imagens” (ANJOS, 2020, p. 24).

Nathalia Anjos, em seu livro “O cérebro e a moda” (2020) disserta a respeito desse fenômeno. Para ela, esse movimento da composição de *looks* com peças de brechós que veio com toda força na última década, deveu-se ao fato que, agora, os jovens buscam por roupas e acessórios que possibilitam seus usos “para esporte, para o lazer, para o trabalho ou para o rolê” (ANJOS, 2020, p. 60), isto é, pensamentos da pós-modernidade.

2.2 O Brechó como um lugar memória

Início este tópico com uma frase presente no texto *Entre memória e história, a problemática dos lugares* (1993, p.22): “[...] a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial.” Ao término dessa frase, em meus estudos, lembrei-me, prontamente, da figura do brechó, questionando-me se ele seria um lugar de memória.

Para Nora (1993), um lugar de memória é um lugar de restos. Este pensamento ilustra bem o objeto deste artigo. O que seriam os brechós além de restos? Restos de roupas usadas, sapatos, acessórios, que um dia pertenceram a algum indivíduo, mas que, por algum motivo, não lhe foram mais prioridade e tornaram-se descartáveis, transformando, assim, em multiplicidades de restos. Resto de memórias e resto de imagens. Um ambiente com aglomerado de memória em exposição, nos cabides, araras e manequins. A respeito da complexidade existente nesses lugares, Nora (1993, p.21) também declara: Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.

Sobre o pensamento acima, percebo que ao mesmo tempo em que o brechó é, de certa maneira, um comércio simples, pois, por exemplo, não deriva de uma cadeia de produção, ele é enigmático. Envolto por sentimentos, imagens e emoções que transpassam a realidade. E, por isso, provocam certas indagações na sociedade. Como falado anteriormente, por muito tempo ainda foi visto como local de entulharia, e com aura desigual, um local de muitas dúvidas: “comprar em um brechó? Será?” Um local genuíno, mas ao mesmo tempo corrompido por memória.

Dessa forma, segundo Nora (1993, p. 21), para um local ser considerado um lugar de memória, ele precisa ter “efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”. E, ainda, fala que essas palavras sempre coexistem. Desse modo, o brechó, nesse contexto, se qualifica como sendo um lugar de memória.

É material porque o brechó se descreve como um local de comércio de peças de roupa já usadas, geralmente, há mais de uma década. Comércio então de objetos de corpo sólido. Também é simbólico. Dutra e Miranda (2013) comprovam quando falam que o brechó opera como elemento simbólico ao apresentar aos consumidores uma conexão entre o passado e o

presente. Como um “elo histórico” entre dois tempos diferentes, ele produz uma narrativa singular de uma memória coletiva e individual existentes nas roupas (DUTRA; MIRANDA 2013, p. 14). Os autores ainda destacam que, simbolicamente, é um local de comunicação entre duas pessoas, que têm contato com a mesma roupa, mas em datas dissemelhantes. E, por fim, caracteriza-se como funcional, pois os produtos nele vendidos são úteis e correspondem à sua função: o ato de vestir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Imaginário como dispositivo de memórias, no plural.

Entretanto, permito-me colocar a teoria em discussão, como forma de contribuição. A partir do conceito de Nora (1993), de “lugar de memória”, vejo a possibilidade de visualizar o objeto do brechó como um lugar para além deste. Um lugar que mobiliza memórias, no plural. Tornando-o, então, um lugar de memórias. Não simplesmente pela diversidade de roupas, pois ele não é temático, mas pela existência de memórias incomunicáveis e distantes, entre duas ou mais pessoas. A memória de quem levou a peça para o brechó, na maioria das vezes, não tocará na memória de quem está levando a peça para a casa.

Se decidirmos ir a um brechó agora, deparar-nos-emos com muitas memórias implícitas presentes nas peças de roupas à venda, pois as peças estão ligadas a memórias, sejam elas individuais ou coletivas. Trago minha experiência pessoal como exemplo. Roupas das quais fui primeira proprietária e as usei em momentos marcantes de minha vida, sempre quando o uso novamente, ou apenas as vejo em meu armário, é como um filme que atravessasse minha cabeça. Lugares, pessoas, sentimentos, sensações. E isso acontece, conforme Dutra e Miranda (2013), pois as peças, ao voltarem para os armários, trazem as particularidades experimentadas por quem as vestiu. O que pronunciar então a respeito de roupas compradas em brechós? Apesar de possuir algumas peças, cito aqui Daltoé (2019 p. 362) mencionando Mariani, “como falar do vivido do outro e me sentir falando de um não vivido meu?”.

Os brechós muito contêm memórias. Memórias que os consumidores não conseguem explaná-las por completo. Eu, como consumidora de peças de brechós, acredito que não irei me comunicar com a memória da proprietária antiga da peça que comprei. Irei ressignificar a memória da mesma peça, mas nossas memórias são incomunicantes. Isto é, têm-se memórias plurificadas. A partir disso, as roupas presentes nos brechós trazem consigo não somente

conceitos estéticos de determinada época, mas também imagens culturais e sociais. Se pegarmos uma calça jeans feita hoje, certamente não é a mesma calça jeans presente em um brechó, mesmo que, esteticamente, elas sejam idênticas. A calça que já foi usada por outro indivíduo tempos atrás retrata experiências individuais e coletivas. Sendo assim, ao usar peças de brechó, o indivíduo adquire inúmeros novos significados. Nas palavras de Legros *et al.* (2014, p.24), “as imagens têm uma história”.

Estas imagens representadas por meio do objeto do brechó estão presentes no imaginário dos grupos sociais. Tem-se imaginário, pelos conceitos de Durand (2019, p. 18), como “o conjunto das imagens e relações de imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*”. E, de acordo com Pitta (2017, p. 90), o conceito de imaginário para Durand é “a teorização de uma antropologia que coloque como objetivo o estudo do homem como produtor de imagens, o qual não pode pensar nem criar sem passar pelas imagens”.

Sendo assim, é por meio do imaginário que enxerguei a possibilidade de não apenas visualizar o brechó como um lugar de memória, mas de memórias, no plural. É a partir do imaginário que essas imagens, sendo essas memórias, são mobilizadas. Pois, apesar da noção de imaginário ainda ser muito confundida com imaginação, e por muitos considerada enigmática, o imaginário, de acordo com Legros *et al.* (2014, p.111) “não é uma forma social escondida, secreta, inconsciente que vive sob as fibras do tecido social”. Os autores ainda afirmam que ele não se caracteriza como um espelho deformado, ou demais características que o tornam reverso como uma sombra da realidade, mas que na verdade o imaginário estrutura o entendimento humano. Sendo assim, o imaginário se dá por um conjunto de saberes que evidenciam pensamentos coletivos, gera identificações de grupos, reconhecimentos e entusiasmos e é comum.

“[...] o imaginário é dotado de um potencial criador, o qual é valorizado quando se considera imaginário, não como um conjunto de imagens que vagueiam livremente na memória e na imaginação, mas como um “dinamismo organizador entre diferentes instâncias fundadoras” que têm o corpo como suporte físico” (THOMAS 1998, *apud* TEIXEIRA, ARAÚJO, 2011, p.20).

Maffesoli (2001, p.76) ainda corrobora, em seus estudos, afirmando que “a existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens”, declarando que as imagens são a consequência. Isto é, se temos imaginário, logo temos um conjunto de imagens. Esse conjunto de imagens, em relação ao objeto deste artigo, torna-se, então, conjunto de memórias. “A memória - como imagem - é essa magia vicariante pela qual um fragmento

existencial pode resumir e simbolizar a totalidade do tempo reencontrado” (DURAND, 2019, p. 403).

Em se tratando de memória, ainda pelas palavras de DURAND (2019, p. 403), “é o poder de organização de um todo a partir de um fragmento vivido [...]” E é a partir dos fragmentos vividos que pluralizamos o mundo, isto é, construímos as imagens (TEIXEIRA; ARAÚJO, 2011, p. 12). Sendo assim, entendo ser limitado tratar o brechó como lugar de memória, no singular, pois nele, mais especificamente, nas peças que nele habitam, têm-se as imagens de quem entregou a peça e as imagens de quem a resgatou. Há uma ressignificação de uma mesma peça; a existência de mais de uma memória. E estas, distantes. Moraes, Bressan e Fernandes (2020, p.13) corroboram afirmando que “a memória é construída em grupo, mas também é sempre um trabalho do sujeito e para ela se tornar mais ou menos vívida depende do grau de ausência ou presença de outros que constituem um grupo de referência.”

Silva (2020) ainda examina as cinco possibilidades de definição ou de aproximação do termo imaginário, entre elas, visualizam-se o imaginário como ambiente ou atmosfera, perspectiva essa muito pesquisada por Maffesoli (2001). Dessa maneira, para entender as relações do brechó como lugar de memórias é interessante contemplá-lo também como local onde o imaginário se estabelece nesta aproximação, como ambiente ou atmosfera.

Ambiente ou atmosfera permeados por imagens, que se tornaram memórias mobilizadas. Nos brechós, encontramos memórias depositadas, mas não necessariamente compartilhadas. Anjos (2020) fala que tudo que vestimos durante a nossa vida, se existiu história, será uma peça carregada por representações. Ainda complementa que isso acontece desde o nascimento com a roupa que saímos da maternidade, seja ela escolhida meses antes pelos pais, seja uma roupa doada pelo hospital pela falta de recursos da criança, criando significados.

Sendo assim, as roupas ou acessórios à venda nos brechós possuem uma multiplicidade de imagens. Se o imaginário é para Durand (1998, p. 06 apud TEIXEIRA; ARAÚJO, 2011, p. 42) é um “museu de todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas”, o brechó pode ser visto como um museu de memórias não comunicantes. Pois, de acordo com Durand (2019), a memória é quem organiza esteticamente a recordação; assim como um brechó, disposto em araras e manequins.

Longe de estar do lado do tempo, a memória, como imaginário, ergue-se contra as faces do tempo e assegura ao ser, contra a dissolução do devir, a continuidade da consciência e a possibilidade de regressar, de regredir, para além das necessidades do destino. É essa saudade enraizada no mais profundo e no mais longínquo do nosso ser que motiva todas as

nossas representações e aproveita todas as férias da temporalidade para fazer crescer em nós, com a ajuda das imagens das pequenas experiências mortas, a própria guarita da nossa esperança essencial (DURAND. 2019, p. 402).

Como citado anteriormente, a figura do brechó contém memórias que as pessoas não conseguem clarificar totalmente. “Não vemos a aura, mas podemos senti-la. O imaginário, para mim, é essa aura, é da ordem da aura: uma atmosfera. Algo que envolve e ultrapassa a obra” (MAFESOLI, 2001, p.75). Essa falta de argumentações cotidianas para explicar os brechós se apresenta, de acordo com Silva (2020, p. 9), por se tratar de um “conjunto complexo de vivências”. E, então, tem-se o imaginário.

Nós observamos poucos estudos sociológicos do imaginário sobre o discurso cotidiano contemporâneo, como se a voz da criação estivesse reservada a uma elite artística e a voz da análise fosse propriedade da psicanálise e da psicologia. Porém, mesmo a criação individual mais modesta e mais banal, como, por exemplo, um desenho de criança, está impregnada de um sentido coletivo (LEGROS *et al.* (2014, p.109).

Por imaginário, nessa linha, entende-se o ambiente em que algo está mergulhado, o que produz uma atmosfera, gera uma aura e caracteriza o “ar de um tempo”: o “imaginário hippie”, o “imaginário de maio de 1968”, o “imaginário da geração maldita”. Trata-se da descrição de um emaranhado de traços: maneira de vestir, de falar, de sentir, gostos, opções éticas ou estéticas, ideologias, símbolos, mitologias, narrativas, representações, utopias, ideias compartilhadas, tudo aquilo que marca um modo de existência sendo causa e consequência de um momento singular. Imaginário, então, é o cenário e o brilho que dele emanam (SILVA, 2020, p. 9).

Dutra e Miranda (2013) falam a respeito de elementos de distinção presentes nas roupas de brechó e os nomeiam de elementos constitutivos e elementos deteriorados. Como exemplo de elementos constitutivos destacam-se as tendências do momento histórico quando a peça foi fabricada (cores, estampas, etc.), já os elementos deteriorados estão mais conectados com as vivências individuais de quem usufruiu, tal como furos e manchas. Aqui, percebo, mais uma vez, uma multiplicidade de memórias. As memórias coletivas, representadas pela tendência da época, e as individuais, pelas marcas de histórias deixadas nas peças.

De um pedaço de tecido, o homem consegue retirar sentimentos e sensações, uma vez que aquele objeto representa algum momento de sua vida. Eles se tornam personagens, mas não necessariamente viveram em mesma época. Uma calça pode trazer memórias por ter pertencido a um ente querido que já faleceu, fazendo com que sua presença ative sua

lembrança. Além disso, a vestimenta pode remeter a uma época específica, de valor sentimental muito grande (DUTRA; MIRANDA, 2013, p. 81).

E é pelos dizeres acima que basta saber pouco sobre história, que ao olhar uma saia rodada volumosa e de comprimento até o joelho, é fácil lembrar-se dos anos dourados e de Brigitte Bardot. Não necessariamente esta saia estava presente em shows de Elvis Presley e Beatles, ou nos cenários da Revolução Cubana, mas é uma representante da memória desta época, e esta memória durará até quando essa saia existir. Essas peças, que servem de referência de determinados tempos, de acordo com Dutra e Miranda (2013 p.79) podem ser chamadas de “documentos da experiência vivida”, ou “documento social”, pois são respeitáveis partículas de memória que “assume a identidade de seu usuário, caracterizando momentos e as histórias de um período”.

Ao ler sobre as peças se transformarem em espécie de documento, lembro-me de um questionamento feito por Robin (2016, p. 96): “O que se deixa depois de uma vida “normal?” e a própria autora responde, declarando que os anônimos deixam apenas documentos. Neste caso, então, comprova-se que os brechós seriam como depósito de documentos, e estes documentos tomados, por sua vez, como roupas. “A roupa tende pois a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa morre, a roupa absorve sua presença ausente” (STALYBRASS, 2008: 14).

Ao adquirir uma peça de brechó, o indivíduo adquiriu também memórias desconhecidas por ele mesmo. Memórias que, provavelmente, ele nunca comunicará. Interrogo-me, por onde passaram tais peças? Quais foram suas vivências? Quem já as usou? Quais eram seus hábitos? No ato do pagamento, possuímos agora um pedaço de algo já vivido, um símbolo de memórias por mais que não nossas, memórias distantes. Algo como Pollak (1992, p. 2) chama de “vivido por tabela”. “Nesses espaços, vestidos dos anos 1950 dividem prateleiras com jaquetas dos anos 1990 e assim assumem um novo papel diante da sociedade contemporânea”. (DUTRA; MIRANDA, 2013, p. 106).

Objetivando uma melhor compreensão a respeito do brechó como um lugar de memórias, fui ao encontro de Josiane, responsável por um brechó na cidade de Criciúma (SC). Questionei-a sobre suas visões. Como ela vê o brechó? Seria apenas parte de seu ofício, ou se ela consegue entendê-lo como algo maior, algo relacionado a memórias. Confesso que dentre nossa conversa, uma resposta, em específico, me chamou a atenção. “Já vendi todo tipo de memória, memórias que algumas pessoas querem esquecer, outras que eles queriam que não fossem só memórias, e as minhas memórias também”. Aqui, entende-se então Dutra e Miranda (2013), quando citam que a roupa marca memórias.

Entre outras falas da responsável, destaco aqui como outra justificativa para a visualização do brechó como um lugar de memórias. Josiane declarou que muitas pessoas ainda sentem certo preconceito em comprar em brechós, pelo fato de que o passado das peças é “desconhecido”. Isto é, se os consumidores se importam de fato com o que aconteceu com as roupas antes de adquiri-las, (quem usou, por onde passou e se foi de alguém que já está morto), é certo que mesmo que inconscientemente, nós (os consumidores) colocamos os brechós e seus produtos, em lugares que contêm histórias e, conseqüentemente, memórias, e estas influenciam o presente. Por mais que memórias incomunicáveis e distantes, mas existentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os brechós vêm tornando-se referências como locais de compras. E este motivo muito se dá por tudo que o brechó representa. Mas algo é curioso: os indivíduos, em sua maioria, percebem a aura desigual que o brechó retrata, no entanto não as conseguem descrever. Por trabalhar na área de moda, já observei o objeto do brechó entrando em algumas discussões. E é comum ouvir declarações sobre este local representar algo diferente, porém, como dito anteriormente, sem muitas especificações.

Ao terminar este estudo, observo que estas dissemelhanças a respeito do brechó sejam, de fato, por ele ser um lugar de imagens de memórias, memórias estas mobilizadas pelo imaginário. Nos conceitos de Nora (1993 p.14 e 27), “a necessidade de memória é uma necessidade da história”, sendo assim essas memórias só existirão se houver também histórias com as determinadas peças. Estabelecendo “uma ponte entre momentos históricos, através da qual valores e memórias são resgatados e ressignificados em um contexto diferente” (DUTRA; MIRANDA, 2013, p. 122). O brechó seria, então, como um símbolo do imaginário de determinadas épocas, concebendo, neste caso, o imaginário como ambiente ou atmosfera. A falta de descrição do que o brechó transmite “esse algo mais é o que se tenta captar por meio da noção de imaginário” (MAFFESOLI, 2001, p.75).

Assim, entendo que não existem memórias onde o imaginário não se estabeleça, da mesma maneira que não existe imaginário sem a memória individual ou coletiva. Ou seja, é uma mútua relação de sobrevivência. Desse modo, uso de um dito de Daltoé (2019, p. 366), que exprime uma experiência não vivida por ela, mas que muito a atinge, a respeito da Ditadura Militar, para exemplificar a função dos brechós, ainda que em contextos distintos.

“[...] entender o passado e significá-lo no presente; entre ajudar a dar sentido à história do outro, mas também à minha; [...]”.

REFERÊNCIAS

ANJOS, N. **O cérebro e a moda**. São Paulo: Editora Senac, 2020.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DALTOÉ, A. S. Déjà-vu e Rendez-vous: **Os atravessamentos da memória no fazer do analista de discurso**. In: FLORES, Giovana G. Benedetto, et.al (Orgs). *Análise de Discurso em rede: Cultura e Mídia.V.4*. Campinas: Pontes Editores, 2019.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

DUTRA, L. M; MIRANDA, V. F. D. **Comunicação, Moda e Memória**: A roupa de brechó como parte do processo de construção da narrativa do indivíduo. 2013. 138 f. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LEGROS, P. *et al.* **Sociologia do Imaginário**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014. 287 p.
MAFFESOLI, Michel; MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Vozes, 1996.

_____. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/2395>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

MORAES, H. J. P.; BRESSAN, L. L.; FERNANDES, A. C. V. Foto-grafia: registros de um ambiente como imagem de pertencimento e memória afetiva - o pátio interno da Unisul, Tubarão/SC. In: LINS, Eunice Simões; MORAES, Heloisa Juncklaus Preis (org.). **Trilhas do Imaginário**: (re) visitando espaços e memórias. João Pessoa: Ufpb, 2020. p. 19-38.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Proj. História, v. 10, 2013.

PITTA, D. P. R. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2017.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Campinas: Unicamp, 2016.

SILVA, J. M. Cinco versões de imaginário. **Revista Memorare**, v. 7, n. 3, p. 8-14, 2020.

STALYBRASS, P. **O Casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Traduzido por Tomaz Tadeu. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TEIXEIRA, M. C. S; ARAÚJO, A. F. **Gilbert Durand**: imaginário e educação. Niterói: Intertexto, 2011. 116 p.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

LOURENÇO, M. J. M; MORAES, H, J. P. A Ressignificação da Figura do Brechó como Lugar de Memórias the Resignification of the Thrift Store as a Place of Memories. **Rev. FSA**, Teresina, v. 19, n. 7, art. 15, p. 295-307, jul. 2022

Contribuição dos Autores	M. J. M. Lourenço	H, J. P. Moraes
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X